

PONTIFÍCIO ATENEU SANTO ANSELMO
INSTITUTO TEOLÓGICO SÃO PAULO – ITESP

Gregorius Orianto Padua
Nelson Javier Rivera Carvajal

A leitura Bíblica e Exegética: João 7, 1-52.

Dissertação apresentada como exigência na aula de Literatura Joanina e cartas Católicas/Faculdade em Teologia, junto ao Instituto São Paulo de Estudos Superiores, sob a orientação do Professor. Dr. Shigeyuki Nakanose.

SÃO PAULO, 2024

Situando o Texto

A Festa dos Tabernáculos, ou Tendas, chamada em hebraico de *Sucot*, é considerada junto com as solenidades de Pessach e *Shavuot*, pelo povo da Aliança, como as principais festas de Israel, pois através delas, os israelitas celebram e transmitem sua história. A festa acontece nos meses de setembro-outubro, seis meses depois de pascoa. Era celebrado com festividade, por ser um fim de colheita, especialmente a safra e vinho.

Mais tarde, nesta festa, eles recordavam a passagem dos hebreus no deserto. Deus os guiou em sua jornada do Egito para sua terra. Deus lhes deu comida e bebida. Durante oito dias, os israelitas reviviam a travessia do deserto permanecendo dentro de cabanas de folhagens. O profeta Zacarias chega dizer que todas as famílias da terra deveriam no futuro subir a Jerusalém para as festas das tendas a fim de receberem a chuva (Zc 14, 16-19).

A *misna* mostra que, durante esta festa, ia-se buscar água na fonte de Siloé, e voltava-se subindo em procissão para o Templo com palmas e cânticos; os sacerdotes regavam o altar com água de Siloé. Isso acontecia cada manhã durante a festa. A festa era encerrada no sétimo dia (Dt 16, 13). Neste dia, a procissão era especialmente solene: um espetáculo de água e luz

Estrutura Do João 7, 1-52

- A. Jesus e seus parentes e a subida clandestina a Jerusalém (7, 1-13)
- B. No meio da festa. A “hora” a origem e afastamento de Jesus (7,14-36)
- C. no ultimo dia da festa: autoproclamação: água da salvação (7,37-52)

4- Análise Literária e Semântica.

Este trecho no evangelho de São João está marcando pelo gênero literário narrativo que dentro desta perícopes corresponde do chamado Livro dos Sinais (Jo 7.1 52).

A narrativa destaca-se sobre diálogos que tem varias reações por um lado a realidade dos samaritanos e num outro lado, a rivalidade de Jesus e os Judeus Fariseus. Neste sentido, vem se desvelar na figura do Jesus Histórico o diferente questionamento sobre o messias esperado para o povo de Israel, no dialogo que se cria dentro do povo. Esta narrativa é longa típica do evangelho de são João, manifestando a riqueza de personagens, a realidade apresentada nos cenários fazendo uma diferenciação com os evangelhos sinóticos.

Neste capítulo temos:

- I) O fato de Cristo ter se recusado por algum tempo a aparecer publicamente na Judéia (v. 1).
- II) Seu desígnio de subir a Jerusalém na Festa dos Tabernáculos e seu discurso com seus parentes na Galileia a respeito de sua ida a essa festa (v. 2-13).
- III) Sua pregação pública no templo por ocasião dessa festa.
 - a. No meio da festa (v. 14, 15). Temos seu discurso com os judeus:
 - (1) a respeito de sua doutrina (v. 16-18).
 - (2) Sobre o crime de violação do sábado imputado a ele (v. 19-24).
 - (3.) A respeito de si mesmo, tanto de onde veio como para onde estava indo (v. 25-36).

b. No último dia da festa:

(1) Seu gracioso convite às almas pobres para irem até ele (versículos 37-39).

(2.) A recepção que ele teve.

{1.} Muitos do povo discutiram a respeito (v. 40-44).

{2.} Os chefes dos sacerdotes queriam colocá-lo em apuros por causa disso, mas primeiro foram desapontados por seus oficiais (versículos 45-49) e depois silenciados por um de sua própria corte (versículos 50-53).

Versículos: 1-13

Temos aqui:

I. A razão dada para que Cristo passasse mais tempo na Galileia do que na Judéia (v. 1); porque os judeus, o povo da Judéia e de Jerusalém, procuravam matá-lo, por ter curado o homem impotente no sábado, cap. 5:16. Eles pensavam que ele seria morto por um tumulto popular ou por um processo legal, em consideração ao qual ele se manteve à distância em outra parte do país, muito fora das linhas de Jerusalém. Não se diz que ele não ultrapassa, mas que não quis andar na Judéia; não foi por medo e covardia que ele recusou, mas por prudência, porque sua hora ainda não havia chegado.

Nota:

1. A luz do evangelho é justamente retirada daqueles que se esforçam para apagá-la. Cristo se afastará daqueles que o afastam deles, esconderá seu rosto daqueles que cospem nele e, com justiça, fechará suas entranhas àqueles que as desprezam.
2. Em tempos de perigo iminente, não só é permitido, mas aconselhável, retirar-se e fugir para nossa própria segurança e preservação, e escolher o serviço dos lugares que são menos perigosos, Mt 10:23. Então, e não até lá, somos chamados a expor e entregar nossa vida, quando não pudermos salvá-la sem pecado.
3. Se a providência de Deus lança pessoas de mérito em lugares obscuros e de pouca notoriedade, isso não deve ser considerado estranho; foi o destino do próprio Mestre. Ele, que era digno de sentar-se no mais alto dos assentos de Moisés, andou de bom grado na Galileia, entre o tipo comum de pessoas. Observe que Ele não ficou parado na Galileia, nem se enterrou vivo lá, mas andou; andou fazendo o bem. Quando não podemos fazer o que queremos e onde queremos, devemos fazer o que podemos e onde podemos.

II. A aproximação da Festa dos Tabernáculos (v. 2), uma das três solenidades que exigiam o comparecimento pessoal de todos os homens em Jerusalém; veja a instituição dela, (cf. Lv 23:34), etc., e o renascimento dela após um longo período de desuso, (cf. Ne 8:14). A intenção era ser tanto um memorial do estado do tabernáculo de Israel no deserto quanto uma figura do estado do tabernáculo do Israel espiritual, de Deus neste mundo. Essa festa, que foi instituída centenas de anos antes, ainda era observada religiosamente. Observe que as instituições divinas nunca são antiquadas nem ficam desatualizadas com o passar do tempo: nem as misericórdias do deserto devem ser esquecidas. Mas ela é chamada de festa dos judeus, porque estava prestes a ser abolida, como uma coisa meramente judaica, e deixada para os que serviam ao tabernáculo.

III. O discurso de Cristo com seus irmãos, alguns de seus parentes, sejam, por sua mãe ou por seu suposto pai, não é certo; mas eles eram tais que fingiam ter interesse nele e, portanto, intervieram para aconselhá-lo em sua conduta.

E observem:

1. A ambição e a vanglória deles ao incitá-lo a fazer uma aparição mais pública do que a que ele fez: “Retira-te daqui”, disseram eles, “e vai para a Judéia” (v. 3), onde farás melhor figura do que aqui.

Eles dão duas razões para esse conselho:

- Porque, na expectativa de seu reino temporal, cuja sede real, concluíram eles, deveria ser em Jerusalém, eles teriam dado um apoio especial aos discípulos de lá, e pensariam que o tempo que ele passava entre os discípulos da Galileia era desperdiçado e jogado fora, e que seus milagres não teriam valor a menos que os de Jerusalém os vissem. Ou: "Para que os teus discípulos, todos eles em geral, que se reunirão em Jerusalém para celebrar a festa, vejam as tuas obras, e não, como aqui, uns poucos em um momento e outros em outro".
- Que seria para a promoção de seu nome e honra: Não há homem que faça alguma coisa em segredo, se ele mesmo procura ser conhecido abertamente. Eles consideravam certo que Cristo buscava se tornar conhecido e, portanto, achavam absurdo que ele ocultasse seus milagres: Se você faz essas coisas, se é tão capaz de ganhar o aplauso do povo e a aprovação dos governantes com seus milagres, aventure-se e mostre-se ao mundo. Apoiado nessas credenciais, você não pode deixar de ser aceito e, portanto, é mais do que hora de se interessar e pensar em ser grande.

Não se poderia pensar que houvesse algum mal nesse conselho, mas o evangelista observou que é uma evidência da infidelidade deles: Pois nem seus irmãos acreditavam nele (v. 5); se acreditassem, não teriam dito isso.

Observe:

- Era uma honra ser da família de Cristo, mas não uma honra salvadora; aqueles que ouvem sua palavra e a guardam são a família que ele valoriza. Certamente, a graça não corre em nenhum sangue do mundo, a não ser no da família de Cristo.
- Era um sinal de que Cristo não almejava nenhum interesse secular, pois assim seus parentes teriam se unido a ele, e ele os teria garantido primeiro.
- Havia aqueles que eram semelhantes a Cristo segundo a carne e que acreditavam nele (três dos doze eram seus irmãos), e ainda outros, tão próximos a ele quanto eles, não acreditavam nele. Muitos que têm os mesmos privilégios e vantagens externos não fazem o mesmo uso deles.

Nota: Em primeiro lugar, muitas pessoas carnais vão às cerimônias públicas, para adorar na festa, apenas para se mostrarem, e todo o seu cuidado é para fazer uma boa aparência, para se apresentarem bem ao mundo. Em segundo lugar, muitos que parecem buscar a honra de Cristo, na verdade buscam a sua própria honra, e fazem com que ela sirva para si mesmo.

2. A prudência e a humildade de nosso Senhor Jesus, que apareceram em sua resposta ao conselho que seus irmãos lhe deram, v. 6-8. Embora houvesse tantas insinuações vulgares, ele as respondeu com brandura. Mesmo o que é dito sem razão deve ser respondido sem paixão; devemos aprender com nosso Mestre a responder com mansidão até mesmo ao que é mais impertinente e imperioso, e, onde é fácil encontrar muita coisa errada, parecer não ver isso, e piscar para a afronta. Eles esperavam a companhia de Cristo na festa, talvez esperando que ele suportasse suas acusações, mas aqui, Ele mostra a diferença entre ele e eles em duas coisas:

- Seu tempo estava definido, mas o deles não: O meu tempo ainda não chegou, mas o de vocês está sempre pronto. Entenda isso como o momento em que ele subiu para a festa. Para eles, era indiferente a hora em que eles fossem, pois não tinham nada de importante a fazer, nem para onde estavam indo, para apressá-los; mas cada minuto do tempo de Cristo era precioso e tinha sua própria tarefa específica. Ele ainda tinha algum trabalho a fazer na Galileia antes de deixar o país: na harmonia dos evangelhos, entre essa moção feita por seus parentes e sua ida a essa festa, há a história de seu envio dos setenta discípulos (cf. Lc. 10:1, etc.), que era um assunto de grande importância; sua hora ainda não chegou, pois isso precisa ser feito primeiro. Aqueles que vivem vidas inúteis têm seu tempo sempre pronto; eles podem ir e vir quando quiserem. Mas aqueles cujo tempo é preenchido com o dever muitas vezes se vêem apertados, e ainda não têm tempo para aquilo que outros podem fazer a qualquer momento. Aqueles que se tornaram servos de Deus, como todos os homens, e que se tornaram servos de todos, como todos os homens úteis, não devem esperar nem cobiçar ser donos de seu próprio tempo.
 - Sua vida foi procurada, mas a deles não foi, v. 7. Eles, ao se mostrarem ao mundo, não se expuseram: "O mundo não vos pode odiar, porque sois do mundo, seus filhos, seus servos, e estais envolvidos em seus interesses; e sem dúvida o mundo amará os seus"; ver cap. 15:19. Mas por que o mundo odiou a Cristo? Que mal ele lhe havia feito? Teria ele, como Alexandre, sob o pretexto de conquistá-la, destruí-la? "Não, mas porque" (diz ele) "testifico que as suas obras são más". As testemunhas de Cristo, por sua doutrina e conversação, atormentam os que habitam na terra e, por isso, são tratadas tão barbaramente, Apocalipse 11:10. Mas é melhor incorrer no ódio do mundo, testemunhando contra sua maldade, do que ganhar sua boa vontade descendo a correnteza com ele.
 - Ele os despede, com o propósito de ficar algum tempo na Galileia (v. 8): Subi vós a esta festa; eu ainda não subi. Ou seja, ainda não subo a esta festa; ele não diz: "Não subirei de modo algum, mas ainda não". Pode haver razões para adiar um determinado dever, que, no entanto, não deve ser totalmente omitido ou deixado de lado; ver Núm. 9:6-11. A razão que ele dá é: "Meu tempo ainda não chegou completamente". Observe que nosso Senhor Jesus é muito exato e pontual em conhecer e cumprir seu tempo, e, como era o tempo fixado, era o melhor tempo.
3. A permanência de Cristo na Galileia até que chegasse o seu tempo completo, v. 9. Ele, dizendo-lhes essas coisas, permaneceu ainda na Galileia; por causa desse discurso, ele continuou lá; por que: Ele não seria influenciado por aqueles que o aconselharam a buscar a honra dos homens, nem iria junto com aqueles que o colocaram em fazer uma figura; ele não pareceria tolerar a tentação. Ele não se afastaria de seu próprio propósito.
 4. O fato de ele ter subido para a festa quando chegou a sua hora. Observe: (1.) Quando ele foi: Quando seus irmãos já haviam subido. Ele não quis subir com eles, para que não fizessem barulho e perturbação, com o pretexto de mostrá-lo ao mundo; ao passo que estava de acordo com a predição e com o seu espírito não lutar nem gritar, nem deixar que sua voz fosse ouvida nas ruas, Is. 42:2. Mas ele subiu atrás deles. Ele subiu para a festa, porque era uma oportunidade de honrar a Deus e fazer o bem; mas ele subiu como se estivesse em segredo, porque não queria provocar o governo. Observe que, desde que a obra de Deus seja realizada de forma eficaz, ela é melhor realizada quando feita com menos barulho. O reino de Deus não

precisa ser observado, (cf. Lc. 17: 20). Podemos fazer a obra de Deus em particular, mas não de forma enganosa.

5. A grande expectativa que havia em relação a ele entre os judeus de Jerusalém, v. 11-14. Tendo anteriormente subido para as festas e se destacado pelos milagres que fez, ele se tornou objeto de muito discurso e observação.

IV. Eles não podiam deixar de pensar nele (v. 11): Os judeus o procuravam na festa e perguntavam: Onde está ele? O povo comum desejava vê-lo ali, para satisfazer sua curiosidade com a visão de sua pessoa e de seus milagres. Não achavam que valeria a pena ir até ele na Galileia, embora se o tivessem feito não teriam perdido seu trabalho, mas esperavam que a festa o levasse a Jerusalém, e então poderiam vê-lo. Se uma oportunidade de conhecer a Cristo chegar à porta deles, eles podem gostar muito dela. Eles o buscaram na festa. Aqueles que querem ver Cristo em uma festa devem buscá-lo lá. Ou, talvez fossem seus inimigos que estivessem esperando uma oportunidade para agarrá-lo e, se possível, interromper seu progresso. Disseram: Onde está ele? - onde está aquele homem? Assim, com desdém e desprezo, falam dele. Quando deveriam ter acolhido a festa como uma oportunidade de servir a Deus, eles se alegraram com ela como uma oportunidade de perseguir a Cristo.

O povo diferia muito em seus sentimentos em relação a ele (v. 12): Havia muita murmuração, ou melhor, murmúrio, entre o povo a respeito dele. A inimizade dos governantes contra Cristo e as indagações deles o seu respeito fizeram com que ele fosse muito mais comentado e observado entre o povo. Note-se que Cristo e sua religião têm sido, e serão, objeto de muita controvérsia e debate (cf. Lc. 12:51-52). Se todos concordassem em receber Cristo como deveriam, haveria paz perfeita; mas, quando alguns recebem a luz e outros decidem se opor a ela, haverá murmuração. A doutrina que ele pregava era sólida e não podia ser contestada; seus milagres eram reais e não podiam ser refutados; sua conversa era manifestamente santa e boa; e, no entanto, era interesse dos principais sacerdotes se oporem a ele e derrubá-lo. Ninguém falava dele abertamente, por medo dos judeus.

Atualização

Em meio a um contexto e realidade que instiga a intriga e de disputa ou conflito, Jesus se aproveita da Festa das Tendias para revelar a verdade mais profunda de si, sua tarefa na estreita relação com o Pai. Neste sentido, muitas são as resistências impostas pelos seus opositores, os quais tentam, com todas as forças, eliminá-lo, desacreditá-lo, desautorizá-lo na suas pretensões como filho de Deus no projeto do Reino e ao Deus do Reino e de sua caminhada messiânica.

O narrativo do texto, Jesus apresenta-se como aquele que realiza o projeto do amor do Pai na esperança messiânica de Israel. No evangelho de são João manifesta sua tradição como Jesus superar estas realidades de conflito. Ou seja, atesta um Jesus que se apropria de vários elementos essenciais do judaísmo no qual se revela a face da identidade de sua atividade messiânica. Embora, ele supera as expectativas da tradição de seu povo na sua identidade e pertença na promessa esperada da espiritualidade da vinda messiânica. O mistério encarnado na economia de salvação não é apenas o Profeta ou o Messias, mas o Filho do Pai, pré-existente e divino. Jesus na dinâmica de intimidade com o Pai revela que ele é o verdadeiro, o enviado, o servo sofredor e o libertador do povo. Neste sentido, vai à contramão a resposta da elite religiosa do tempo, levando esta discordância a sua morte e agonia. Jesus enviado do Pai, tem poder libertador enraizado na estreita ligação com o Pai, ele pode ser entendido na expressão “Eu Sou”, que

comporta um sentido teológico denso, pois se liga ao nome de Deus manifestado em (Ex 3,14). Por meio dessa expressão, o autor do quarto evangelho confirma messianismo de Jesus e, principalmente, sua pré-existência e sua divindade, deixando claro aos destinatários o bies diferencial do totalmente Outro, do verbo encarnado o filho Unigênito do Pai.

Bibliografia

- Born, V. D. (1985). Dicionario Enciclopedico da Biblia. Petropolis: Vozes.
- Brown, R. E. (1984). A comunidade do discípulo amado. São Paulo: Paulinas.
- Feuillet, A. (1971). O prólogo do quarto Evangelho. São Paulo: Paulinas.
- Frizzo, A. C. (2021). O livro de Esdras e Neemias. ITESP. São Paulo: Itesp/Notas.
- Jérusalem, É. b. (2019). Bíblia de Jerusalem. São Paulo: Paulus.
- Konings, J. (2000). Evangelho Segundo João. Petrópolis: Vozes.
- S, N., Dietrich L.J, K. J., & M.A, F. A. (2022). Uma História de Israel. Leitura Critica da Biblia e arqueologia. Sao Paulo: Paulus.
- Konings, Johan, Evangelho Segundo João: Amor e Fidelidade, Edições Loyola, São Paulo 2005.
- Jaubert Annie, Leitura do Evangelho Segundo João, Edições Paulinas, São Paulo, 1982.
- Site. Bible Works